

A EXPEDIÇÃO ROOSEVELT-RONDON: A AMAZÔNIA BRASILEIRA AOS OLHOS DE UM ESTRANGEIRO NORTE-AMERICANO¹

Resumo

Neste trabalho buscaremos analisar, a partir das Teorias da Análise do Discurso, o discurso produzido sobre a Amazônia pelo ex-presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, quando na ocasião de sua participação na Expedição Científica Roosevelt-Rondon, liderada também pelo indigenista brasileiro Cândido Rondon, nos anos de 1913-1914, na área que hoje compreende os estados de Mato Grosso, Rondônia e Amazonas. Esta Expedição desceu o Rio da Dúvida, conhecido atualmente como Rio Roosevelt. A análise bibliográfica será a partir dos livros *O rio da Dúvida*, de Candice Millard, e *Through the Brazilian Wilderness (Nas selvas do Brasil*, traduzido), o diário da viagem de Theodore Roosevelt.

Palavras-Chave: Theodore Roosevelt; Amazônia; Análise do Discurso.

Abstract

In this work, we will analyze, from Discourse Analysis Theories, the discourse produced on Amazon by former U.S. president Theodore Roosevelt, when he joined the Roosevelt-Rondon Scientific Expedition, also led by Brazilian indigenist Cândido Rondon, in 1913-1914, in the area that nowadays comprises the states of Mato Grosso, Rondônia and Amazonas. This expedition went down the River of Doubt, currently known as Roosevelt River. The literature review will be based on the books *The River of Doubt*, by Candice Millard, and *Through the Brazilian Wilderness*, a kind of log-book by Theodore Roosevelt.

Keywords: Theodore Roosevelt; Amazon; Discourse Analysis.

1 Introdução

Analisaremos neste artigo o discurso produzido pelo ex-presidente estadunidense Theodore Roosevelt (1858-1919), quando esteve no Brasil a fim de participar de uma missão científica denominada “Expedição Científica Roosevelt-Rondon”, nos anos de 1913-14, a qual visava percorrer e mapear o então chamado Rio da Dúvida, hodiernamente chamado Rio Roosevelt, em homenagem ao ex-presidente.

¹Jaqueline Prestes de Souza, discente do Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Federal de Rondônia, pertencente ao grupo de pesquisa “Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade”, sob a orientação do Prof. Dr. Miguel Nenevé. UNIR - Fundação Universidade Federal de Rondônia. Núcleo de Ciências Humanas - Departamento de Línguas Vernáculas. Porto Velho - RO - Brasil. 76801-059. E-mail: jaqueadams19@hotmail.com

¹Miguel Nenevé, Doutor em Língua Inglesa e Literaturas, Professor do Departamento de Letras Estrangeiras da UNIR - Fundação Universidade Federal de Rondônia. Núcleo de Ciências Humanas - Departamento de Letras Estrangeiras. Porto Velho - RO - Brasil. 76801-059. E-mail: mneneve@hotmail.com

Na companhia de um dos poucos desbravadores do então desconhecido interior brasileiro, em especial a região Amazônica, o sertanista e, à época, ainda Coronel Cândido Rondon (1865-1958), a expedição partiu do interior do Mato Grosso no intuito de realizar missão científica e ao mesmo tempo traçar geograficamente o curso do Rio da Dúvida, o qual percorre os estados de Rondônia, Mato Grosso e Amazonas.

2 Considerações sobre o momento histórico

Theodore Roosevelt ocupou a Casa Branca pelo período de 1901 a 1909, tendo sido reeleito com grande aprovação popular. Foi um presidente republicano que, buscando um terceiro mandato através de um partido menos conhecido (Partido Progressista) na eleição de 1912, experimentou pela primeira vez a rejeição de seu povo, visto que possuía apenas seu nome, mas não uma sigla partidária de grande força:

Como candidato de um terceiro partido, Roosevelt não podia ter esperança de vencer, mas certamente podia causar estrago. Quando apoiado por um Partido Republicano unido, nas campanhas eleitorais anteriores, Roosevelt chegara facilmente à vitória sobre os democratas. Ao voltar sua enorme popularidade contra o antigo partido, contudo, ele meramente dividiu o voto republicano e entregou a eleição a Wilson – um resultado amplamente previsto que, quando se confirmou, provocou duras críticas à sua tática. (MILLARD, 2007, p. 22)

Recolhido em sua residência após a derrota e condenado ao ostracismo, Roosevelt, que sempre buscava expurgar seus fracassos e perdas da vida em algo que suplantasse aqueles momentos difíceis, especialmente então naquela ocasião “[...] não descansaria até encontrar alguma aventura fisicamente exaustiva que o levasse para longe de casa e o expusesse a grande perigo” (MILLARD, 2007, p. 28). Tal como um grande aventureiro e desbravador do velho Oeste, Roosevelt era o típico americano bravio e destemido, capaz de grandes proezas para esquecer as amarguras sofridas. Para tanto, um de seus “esportes” favoritos era sair à caça de animais, promovendo verdadeiras matanças, fosse em seu país ou em safáris pela África, de forma a enaltecer seu ego: “Quando atingido por tristezas ou reveses cuja superação estava além de suas forças, Roosevelt buscava instintivamente provações ainda maiores, perdendo-se no autoflagelo e no perigo – experiências que acabaram por moldar sua personalidade e animar suas mais impressionantes realizações.” (MILLARD, 2007, p. 24).

A oportunidade surgiu quando o Museu Social Argentino o convidou para uma série de palestras na Argentina e países vizinhos. Roosevelt viu nesta viagem a chance de uma espécie de “expedição naturalista”, seu ponto vulnerável, que eram as viagens ao desconhecido, as grandes aventuras, que “engrandecessem” suas experiências. Buscou então

apoio do Museu Americano de História Natural, o qual já havia sido o patrocinador de sua viagem à África no fim de seu mandato, e para o qual recolheu diversos exemplares da fauna africana resultante do “safári” presidencial naquele continente.

Roosevelt gozava de pouco prestígio junto aos países Latino-Americanos por causa de suas políticas intervencionistas enquanto presidente – leia-se *Big Stick* e Corolário Roosevelt, que afirmavam o “direito” dos Estados Unidos de intervir sempre que julgassem necessário, e impedia a Europa de intervir em qualquer assunto dos países americanos – e do apoio total à construção do Canal do Panamá, causando discórdia entre a Colômbia e o então território do Panamá, além da Revolução Mexicana. Mesmo assim, foi discursar sobre a legitimidade de suas políticas, atendendo ao convite do Museu Argentino e de vários outros países, tendo sido tanto ovacionado quanto vaiado em todos eles.

Ao chegar ao Brasil, o ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller, convidou Roosevelt para uma mudança de planos que, a seu ver, eram muito maiores e mais louváveis em seus objetivos exploradores que o mero “passeio” que ele havia programado fazer: percorrer o desconhecido Rio da Dúvida. Ainda que Rondon tivesse se aproximado de sua nascente anos antes, pouco se sabia sobre este rio, o que o tornava ainda mais excitante para Roosevelt.

Mesmo numa época em que grandes façanhas de descobertas eram quase um lugar-comum, descer o Rio da Dúvida seria uma audácia. Não apenas porque o rio não estava mapeado – o que mantinha desconhecidas sua extensão e sua direção e fazia de cada redemoinho, corredeira e queda d’água uma surpresa súbita e potencialmente fatal – mas também porque se embrenhava por uma densa e emaranhada selva com um histórico de destruição dos homens que tinham pretendido mapeá-la. (MILLARD, 2007, p. 64).

A partir dos registros de Roosevelt sobre esta viagem à Amazônia, buscaremos, através da Análise do Discurso, compreender como um representante do ideário imperialista compreende o mundo amazônico e o descreve a seu público, carregado com as ideologias do estrangeiro que pensa ser superior. Apresentaremos, a seguir, um breve resumo dos conceitos da Análise do Discurso alusivos a este exame.

3 A análise do discurso na leitura do olhar estrangeiro

A Análise do Discurso (AD), escola de origem francesa dos anos 60 do século passado, teve suas origens marcadas pela conjugação dos estudos linguísticos, marxistas e psicológicos e, segundo Maingueneau,

Filia-se a uma certa tradição intelectual europeia (e sobretudo da França) acostumada a unir reflexão sobre texto e sobre história. Nos anos 60, sob a égide do estruturalismo, a conjuntura intelectual francesa propiciou, em torno de uma reflexão sobre a 'escritura', uma articulação entre a linguística, o marxismo e a psicanálise. A AD nasceu tendo como base a interdisciplinaridade, pois ela era preocupação não só de linguistas como de historiadores e de alguns psicólogos. (MAINGUENEAU Apud BRANDÃO, 2004, p. 16).

Tendo sido também estudada por teóricos norte-americanos, a AD estruturou-se através de intelectuais como Althusser, Althier-Revuz, Bakhtin, Benveniste, Maingueneau e Pechêux. Seus conceitos abrangem a linguagem enquanto modo de interação social, e como veículo de materialização das ideologias, levando em consideração o momento histórico do discurso produzido, bem como as implicaturas psicológicas do modo de dizer algo, ou seja, seus implícitos e respectivas consequências.

Segundo Brandão:

[...] a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia [...] a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais. Seu estudo não pode estar desvinculado de suas condições de produção. (BRANDÃO, 2007, p. 11).

Assim, o papel do analista do discurso implica em uma série de considerações a respeito da linguagem e, especialmente, no modo como a produção do discurso ocorreu, em que momento, como, com que tipo de ideologia, entre outros aspectos.

Eni Orlandi, professora e pesquisadora que também tem se voltado à AD, assevera que, ao interpretar toda uma conjuntura discursiva, o analista do discurso deve levar em consideração os diversos fatores que compõem a trama ou as conjecturas políticas e ideológicas possíveis - a saber: as relações de poder, o lugar de quem fala, o lugar de quem ouve, os mecanismos de produção discursiva, entre tantas outras imanentes a esta minuciosa análise. Na concepção da teórica,

[...] entre o mesmo e o diferente, o analista se propõe compreender como o político e o linguístico se inter-relacionam na constituição dos sujeitos e na produção dos sentidos, ideologicamente assinalados. Como o sujeito (e os sentidos), pela repetição, estão sempre tangenciando o novo, o possível, o diferente. Entre o efêmero e o que se eternaliza. Num espaço fortemente regido pela simbolização das relações de poder. (ORLANDI, 2010, p. 38).

Pautando-se nestes pressupostos teóricos da Análise de Discurso, são estas características presentes nos trechos extraídos do relato e do romance sobre a viagem de

Roosevelt que serão analisadas neste artigo. Antes, porém, faremos uma digressão a respeito de algumas tessituras sgnicas construídas sobre a Amazônia brasileira.

4 Do discurso já produzido sobre a Amazônia

Muito tem sido falado sobre a Amazônia desde a época colonial, em que foi “descoberta” por exploradores europeus. Relatos de viajantes que, imbuídos de um imaginário social acerca das maravilhas e dos horrores da grande selva, complementam estas histórias, muitas vezes negativamente, mas sempre num círculo discursivo, onde o já-dito repete-se ao longo dos séculos para reproduzir esta imagem fantástica da Amazônia para os olhos do conquistador.

Como a AD considera o momento histórico da produção do discurso, observa-se que, em diversos relatos, produzidos em diversas épocas, a Amazônia sempre foi vista como lugar de riquezas (o grande *El Dorado* amazônico), de aventura, de exploração, de encantamento, de misticismo, enfim, de inferno ou de paraíso. Gondim destaca que

Contrariamente ao que se possa supor, a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída; na realidade, a invenção da Amazônia se dá [...] pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes [...]. Pressionados por adversidades comuns à época, os homens sonham encontrar o Paraíso e a fonte da eterna juventude. A tradição religiosa dizia que um grande rio nascia naquele local aprazível, cujas águas encobriam riquezas, e não muito longe, uma fonte convidava para a total supressão dos males sociais, onde a fome, as doenças e as pestes continuamente dizimavam respeitáveis contingentes humanos. Esse local foi encontrado pelos expedicionários de (Francisco de) Orellana e se localizava na região amazônica. (GONDIM, 1994, p. 9-10).

Por meio deste imaginário do conquistador europeu, que pelos mais diversos motivos adentrava a Amazônia, ela foi aos poucos sendo projetada, “inventada” no dizer de Gondim, e se transformou, através do tempo e da história, no local paradisíaco e repleto de misticismo, onde as riquezas nunca acabam, mas também onde há um embate entre homem e natureza, fruto das narrativas, ou discursos, produzidos sobre essa região no decorrer dos séculos.

Sobre a questão da repetição do discurso, o conceito de interdiscurso, advindo da AD, é proveitoso para nosso intento neste texto. Na visão de Orlandi:

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: O saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada palavra tomada. (ORLANDI, 2010, p. 31).

É o passado, os primeiros testemunhos, as primeiras palavras, as descrições de uma terra extraordinária e ao mesmo tempo perigosa, que retornam à época de Roosevelt para fazer ecoar o discurso sobre a Amazônia, a partir de uma perspectiva estrangeira, o olhar do diferente, que questiona e julga o nativo de acordo com seus costumes e desconsiderando o conhecimento de mundo deste.

É nesta Amazônia inventada, maravilhosa, que serão ambientados os relatos da expedição Roosevelt-Rondon: em *Through the Brazilian wilderness (Nas selvas do Brasil, traduzido)*, espécie de diário de bordo pessoal de Roosevelt acerca da viagem, e *O rio da Dúvida*, romance da jornalista Candice Millard, o qual reúne uma ampla pesquisa bibliográfica, entre cartas, relatórios, documentos, fotografias, entre diversos outros, todos relativos à referida expedição.

5 O discurso do estrangeiro sobre a Amazônia

Selecionamos para esta análise alguns trechos pertinentes das duas obras citadas, por conterem ideologias imanentes à visão que o estrangeiro procura reproduzir sobre a América do Sul e em especial a Amazônia: como ela é vista através dos olhos do “outro”, do estrangeiro. Seus pré-conceitos, suas explicações para a realidade amazônica, o contraste entre as culturas entre outros, os quais explicaremos a seguir.

A descrição das condições de vida e as expectativas de explorar o novo, o desconhecido, causam excitação em Roosevelt. Quanto maior fosse o desafio, maior seria a sua recompensa: de todas as maneiras, é ele quem sempre sobressai.

A América do Sul, um continente que, no início do século XX, ainda era considerado remoto, misterioso e perigoso. De fato, naquela época sabia-se menos sobre o interior da América do Sul do que sobre qualquer outro continente habitado. Para Roosevelt, o interior vasto, inexplorado e amplamente desconhecido da América do Sul foi talvez o fator que mais pesou em sua decisão de aceitar o convite do Museo Social. Com suas matas vírgens e extensas savanas, montanhas escarpadas e contrastantes extremos de clima e relevo, o continente oferecia o tipo de fronteira ilimitada, desconhecida e de aventura física radical que tinha atraído Roosevelt ao longo de toda sua vida. Poucos lugares na Terra podiam oferecer mais interesse ao ex-presidente que a Amazônia – não só pela promessa de aventura, mas também porque era, para um naturalista, uma verdadeira Shangri-La. (MILLARD, 2007, p. 31)

Sabemos através da historiografia que a Amazônia, no final do século XIX e nos primeiros anos do século XX, era parcamente povoada e pouco conhecida pelo próprio povo brasileiro. Apenas desbravadores da estirpe de Rondon eram capazes de adentrar as selvas brasileiras em nome do progresso das linhas telegráficas e da tentativa de manutenção por

parte do governo brasileiro da soberania nacional, após, principalmente, a tão recente Guerra do Paraguai.

Com todo o seu fascínio exótico e sua riqueza potencial, a grande bacia do rio Amazonas permanecia em 1913 um lugar imenso e notavelmente misterioso, intocado pela modernidade, repelindo até mesmo as mais decididas tentativas de explorar seus segredos escondidos. Embora mais de dois terços da bacia amazônica estejam dentro das fronteiras brasileiras, no início do século XX a ampla maioria dos brasileiros se aglomerava na ensolarada costa leste, tinha pouco interesse em conhecer o que havia naquela região e nenhuma condição de conhecê-la mesmo que quisesse. (MILLARD, 2007, p. 61)

Observemos este trecho do romance da jornalista Candice Millard a respeito da expedição: Roosevelt até parece vir com as melhores intenções em nome das ciências naturais:

O ex-presidente não vinha à Amazônia com propósitos turísticos nem de caça, mas sim de exploração científica, e desdenhava profundamente quem quisesse outra coisa. ‘O viajante comum, que nunca sai da rota mais batida e que nessa rota é conduzido pelos outros, sem fazer nem arriscar nada por conta própria, não precisa mostrar mais iniciativa e inteligência que uma encomenda postal; ele não faz nada, os outros fazem todo o trabalho, planejam tudo, correm todos os riscos – e merecem todo o crédito. Ele e sua mala são carregados praticamente do mesmo modo; e para ambos a realização fica mais ou menos no mesmo plano’. (MILLARD, 2007, p. 63)

Apesar de neste trecho afirmar-se que os objetivos de Roosevelt em terras tupiniquins eram meramente científicas, no seu relato de próprio punho, não é exatamente esta a visão passada para o leitor: ele estava desejoso, a nosso ver, até mesmo de algo superior: queria inscrever mais uma vez seu nome na História, ser responsável pelo crescimento da ciência e, ainda, satisfazer sua sede de caça. Por diversas vezes, caçadas fenomenais são narradas no decorrer de *Nas selvas do Brasil*. Os trechos a seguir foram retirados da obra mencionada, e as traduções são todas nossas.

Em apenas seis dias de viagem, os companheiros de Roosevelt na expedição “já haviam colhido cerca de oitocentos exemplares de aves e mamíferos” (ROOSEVELT, 2008, p. 54). O ex-presidente justifica seu ímpeto pela caça, como se louvável fosse sua explicação: “Um caçador com propósitos científicos, um caçador naturalista ou biólogo, não somente poderia gozar de grandes sensações nestes vastos pantanais, como ainda realizar trabalho de alto valor científico” (ROOSEVELT, 2008, p. 108). E a matança continua através dos dias, tudo em “prol da ciência”: “Ao todo, Cherrie e Miller (naturalistas do Museu Americano) capturaram mais de 2.500 aves e 500 mamíferos, além de répteis e peixes” (ROOSEVELT, 2008, p. 216).

Sobre a passagem da expedição nas terras dos índios Nhambiquaras, a comparação que Roosevelt faz dos índios é no mínimo hostil: “os selvagens (são) tão ingênuos e ignorantes como animais domésticos” (ROOSEVELT, 2008, p. 144). Pergunta-se: acaso os índios estadunidenses seriam mais índios que os que aqui Roosevelt encontrou? Seriam eles menos selvagens ou superiores por se tratarem de índios norte-americanos? Apesar de ser notório o modo preconceituoso como o índio era visto naquele tempo, compará-lo a animais domésticos soa bastante agressivo e grosseiro, mesmo para o comportamento da época do relato.

Roosevelt finaliza seu relato com um apêndice sobre os itens necessários para qualquer explorador que queira aventurar-se pelas “selvas da América do Sul”. São itens que vão de motores, barracas, comida, munição, vestimenta, a ferramentas, instrumentos de pesquisa e termômetros. Sua marca discursiva é notada através dos seguintes trechos, todos carregados da ideologia do estrangeiro que nada conhece e passou a ter uma experiência para “compartilhar” com aqueles que, como ele, vão em busca do vasto e desconhecido mundo amazônico.

Um de seus conselhos é sobre que tipo de canoa levar para uma expedição exploratória. Roosevelt chega a comparar os índios norte-americanos aos sul-americanos, em clara intenção de menosprezar o conhecimento destes últimos:

A história da exploração na América do Sul tem sido repleta de perdas de canoas e cargas. A canoa do nativo é feita de tronco de árvores imensas da floresta. É durável e se for perdida pode ser prontamente repostas na própria floresta, com bons homens munidos de machados e foices. O índio norte-americano sem dúvida desenvolveu uma canoa muito superior que é capaz de passar pelas corredeiras de modo que um índio sul-americano jamais poderia tentar fazer igual. A canoa do nativo é tão pesada e comprida que é difícil não navegar sem chocar-se contra as pedras. Em vista dos fatos, ao explorador-viajante é aconselhável que leve consigo a canoa do tipo norte-americana se pretende fazer um trabalho sério. (ROOSEVELT, 2008, p. 187-188)

Percebe-se neste conselho que Roosevelt compara o conhecimento de mundo de duas realidades totalmente distintas de povos nativos: os índios do norte e os do sul. Obviamente, cada qual a seu modo, possui saberes e necessidades diferentes uns dos outros: cada nativo vive de modo ímpar, e ao longo dos séculos foi desenvolvendo experiências de acordo com seus aprendizados. E isto não torna um melhor ou pior que o outro: são conhecimentos diferentes e adequados para cada realidade e modo de vida. O conselho é finalizado com uma advertência de que, caso o explorador deseje fazer um trabalho realmente sério, que previna-se levando as canoas “certas”, mais uma vez menosprezando a experiência dos nativos sul-americanos.

Sobre o local de descanso, Roosevelt aponta que “A rede de dormir é a cama sul-americana” (ROOSEVELT, 2008, p. 189). Esta afirmação sugere que na América do Sul não se conhece o que sejam camas, além de massificar as nacionalidades: são tantos países, cada um com sua cultura e modo de viver distinto, que o discurso do estrangeiro busca unir em uma coisa só, uniformizando, padronizando, ou seja, o que não diz respeito a ele são os outros, e os outros não têm uma identidade própria, são uma mistura, uma mescla apenas. Por diversas vezes ele menciona “os sul-americanos” e a “América do Sul” em seu discurso: tudo aquilo que não é estadunidense é sul-americano, tendo ele próprio visitado vários países do continente e verificado *in loco* que são realidades diferentes.

A respeito da comida, afirma que:

No campo, o ato de cozinhar demanda muito tempo. Geralmente com equipamentos de cozinha inadequados, perdem-se horas cozinhando feijão após um dia inteiro de trabalho, e depois, é claro, eles estão apenas parcialmente cozidos. [...] seria necessário apenas esquentá-lo para o café da manhã e jantar, as duas refeições sul-americanas. (ROOSEVELT, 2008, p. 191).

Além de demonstrar claramente desconhecer o modo de vida do homem que vive no interior do Brasil, Roosevelt arremata dizendo que o interiorano conhece apenas duas refeições: o café e o jantar. Talvez pelas obrigações caseiras, pela necessidade de caçar para a sobrevivência (e não por puro esporte como o ex-presidente o fazia naquele momento), talvez mesmo pela falta do alimento, estas pessoas apenas conhecessem duas refeições por dia. Repleto de preconceito e sem conhecer as condições de vida de um povo tão sofrido, lança este comentário ignorante e sem sentido, para mais uma vez reafirmar a imutável “inferioridade” da imagem do “outro” (nós).

Até mesmo a vestimenta é objeto de seus “conselhos” duvidosos:

Estranho de relatar, os sul-americanos parecem ter uma tendência a usar camisas de colarinho engomado. Até mesmo em Corumbá, o lugar mais quente que eu já estive, o nativo pensa que não está vestido até colocar um desses abomináveis colarinhos ao redor do pescoço. (ROOSEVELT, 2008, p. 194)

Com isto, entendemos que o ex-presidente deveria ser altamente ligado às tendências de moda norte-americanas, que não são em absoluto aplicáveis ao estilo de vida dos “nativos” do sul, nem fazem parte de sua realidade. Critica o calor esquecendo-se de que está nos trópicos e não em sua terra natal, além de fazer este comentário repleto de preconceito às roupas dos locais.

Por fim, uma ferramenta que Roosevelt acredita ser absolutamente indispensável a quem deseja se aventurar pela América do Sul: a bússola. “Fiquei surpreso em saber que

muitos dos seringueiros não possuíam uma bússola” (ROOSEVELT, 2008, p. 196). Este comentário beira o cômico. Testemunha de que as condições de vida dos ribeirinhos não são favoráveis, o ex-presidente declara ser indispensável aos seringueiros que devam possuir uma bússola para não se perderem na floresta! Ele, do alto de seu poder econômico em obter quantas bússolas quisesse, parece desdenhar e caçoar daqueles que não têm este mesmo privilégio.

6 Conclusões

À luz da Análise do Discurso, é possível concluir que esta expedição e do que foi escrito a respeito dela, proporciona lições da mais alta importância sobre o homem e seu ponto de vista a partir de sua posição (supostamente) superior, o olhar de fora a partir da vivência da realidade amazônica. *Nas selvas do Brasil* encaixa-se na lógica do colonizador que se julga superior ao colonizado e transparece seus conceitos e preconceitos no decorrer da narrativa. É através desta tentativa de compreender como o outro, o estrangeiro, enxerga a Amazônia, e como o discurso repete-se ao longo da história, que é possível tentar delinear uma mudança de visão e, a partir de então, procurar operar mudanças em nome do respeito mútuo, da compreensão humana como bem maior e da tolerância acima de todas as coisas.

Referências

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004, 2. ed. rev.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

MILLARD, Candice. **O rio da Dúvida: a sombria viagem de Theodore Roosevelt e Rondon pela Amazônia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010, 9 ed.

ROOSEVELT, Theodore. **Through the Brazilian wilderness**. Blacksburg: Wilder Publications, 2008.